

CRIME EM APOLÔNIO

André Luís Pereira de Souza – UFMG

O objetivo deste ensaio é fazer uma análise dos crimes e monstrosidades na obra *A História de Apolônio, rei de Tiro*. Em seu artigo *Monstros como metáfora do mal*, Jeha afirma:

Entre as metáforas mais comuns que usamos para nos referir ao mal, estão o crime, o pecado e a monstrosidade (ou monstro). Quando o mal é transposto para a esfera legal, atribuímos-lhe o caráter de transgressão das leis sociais; quando o mal aparece no domínio religioso, o reconhecemos como uma quebra das leis divinas, e quando ele ocorre no reino estético ou moral, damos-lhe o nome de monstro ou monstrosidade. (JEHA, 2007, p. 19)

Para melhor nos situarmos, uma vez que a obra é pouco conhecida, faremos aqui um breve resumo. Esta obra, que chamaremos de romance,¹ é de autor desconhecido e de datação controversa,² e narra a história de Apolônio, um jovem rico e independente, que se candidata à mão da filha do rei Antíoco, da Antioquia. Antíoco, querendo dificultar que alguém conseguisse a mão da filha, pois mantinha com ela uma relação incestuosa, propõe enigmas para cada um dos pretendentes. Ao descobrir que Apolônio conseguira decifrar o enigma, Antíoco decide eliminá-lo. Sabendo disso, Apolônio resolve abandonar Tiro, sua terra natal. É a partir deste episódio que entendemos o exílio de Apolônio e todo o desenrolar de sua história. Apolônio chega a Cirene como naufrago e é recebido pela filha do rei Arquistrate, que o convida a ir até o palácio. Durante o jantar, Apolônio demonstra todo seu talento e encanto, o que faz com que a filha do rei se apaixone por ele. Quando Apolônio se prepara para partir, ela pede a seu pai que o mantenha em Cirene, pois morrerá se não mais colocar os olhos em seu amado. Apolônio acaba ficando como tutor da princesa e aceita casar-se com ela, atendendo a um pedido do rei. Após o casamento, Apolônio parte com sua esposa para Tiro, já que soubera da morte de Antíoco. Durante a viagem, sua esposa morre ao dar à luz a filha Társia. Seu corpo é jogado ao mar, mas seu caixão vai flutuando até Éfeso, onde ela é ressuscitada e se dedica como sacerdotisa no templo de Diana. Enlutado, Apolônio torna-se mercador e viaja durante quatorze anos, ignorando o que havia acontecido com sua esposa. Társia foi entregue aos cuidados dos reis de Tarso, Estranguilo e Dionísia, uma vez que Apolônio os ajudara quando da grande fome que assolara a cidade. Dionísia acaba desenvolvendo, com o tempo, um grande ciúme de Társia, já que esta se destacava mais que sua própria filha. Devido a isso, ela manda um escravo matá-la. Neste ínterim, Társia é capturada por piratas e vendida a um bordel em Mitilene. Com a volta de Apolônio, Dionísia inventa uma história para justificar a morte de Társia. Com mais esta perda, Apolônio refugia-se no mar e, devido a uma tempestade, seu navio vai parar em Mitilene, onde Antenágoras, um simpático nobre que conhecia Társia, pede a ela que use sua arte para consolar Apolônio. O encontro leva à cena do reconhecimento entre pai e filha. Antenágoras tinha um grande interesse em Társia e já, até, tentara comprá-la no leilão. Não conseguindo, oferece-se como seu primeiro cliente e acaba-se apaixonando por ela. Mais tarde, acaba-se casando com ela, atendendo a um pedido de Apolônio. No final da história, Apolônio reencontra sua esposa e tem um filho com ela. Este será herdeiro de Apolônio nos reinos de Antioquia, Pentápolis e Tiro (KONSTAN, 1998, p. 99 *passim*).

Após essa breve exposição, passemos à análise dos crimes e monstrosidades que povoam a narrativa. Começamos por apontar o primeiro monstro presente na obra, Antíoco. Este rei, que deveria escolher um noivo adequado para a sua filha, seguindo as tradições de sua época, não o faz de forma adequada. O candidato à mão da princesa deveria decifrar um enigma criado pelo rei e, caso não conseguisse fazê-lo, seria condenado à morte. Seria este o modo mais adequado para se atraírem bons candidatos à mão da princesa? Certamente não. Por um desvio de conduta, Antíoco assim o faz para, na verdade, afastar os candidatos, uma vez que ele mantém com a filha uma relação incestuosa. Sendo o incesto um desvio moral, encontramos aqui um primeiro “monstro” em nossa obra, que impulsionará outras peripécias na história. Lembramos que, de acordo com Barbosa:

¹ Veja-se o estudo de KONSTAN, D. *Sexual Symmetry: Love in the ancient novel and related genres*. New Jersey, 1998, p. 99-113, no qual o autor afirma que o texto *Historia Apollonii Regis Tyri* é um romance, nomenclatura que adotaremos neste trabalho. Para Carrajana (2005) este texto seria uma crônica, embora Konstan (1998), o denomine romance.

² Sobre as controvérsias de datação do romance, confronte-se KONSTAN (1998) e CARRAJANA (2003).

Ficcionalmente o monstro é feraz (palavra que me parece útil porque lembra “feroz”, mas significa produtivo: melhor dizendo: feroz na produção). (...) a causa primordial dos monstros literários é criar a ficção (e não vou justificar aqui a existência da ficção) para enfrentarmos outros monstros, assim como os heróis – seres humanos excessivos e notáveis – existem para eliminar monstros no cosmo ficcional. (BARBOSA, 2008, p. 04-05)

É a partir do instante em que Apolônio se candidata à mão da princesa e decifra o enigma proposto que terá início a perseguição desenfreada de Antíoco a Apolônio. Podemos apontar aqui uma metamorfose no comportamento de Antíoco, já que sua atitude transgride tudo o que se espera de um pai. Ele deveria, a partir desse instante, celebrar o casamento, já que isso fora o combinado. Acontece, no entanto, que Antíoco manda matar Apolônio, rompendo aqui “as fronteiras necessárias para manter unidos os membros de um grupo social” (JEHA, 2007, p. 20). É este monstro que provocará a fuga de Apolônio, partindo em busca da sobrevivência, ou seja, em busca de um outro grupo no qual ele não seria condenado à morte pelo desejo de casar com uma moça solteira. Estes dois elementos – o incesto de Antíoco (“monstro”) e a tentativa de matar Apolônio (crime) serão responsáveis pelo enredo dos seis primeiros capítulos. A criação desse “monstro” (o incesto) é tão significativa para a literatura que Carrajana, ao falar das sucessivas versões dessa história, afirma: “Na verdade, é sintomático que nenhuma das versões do relato tenha eliminado o episódio de Antíoco. Pelo contrário, em todas elas as aventuras do rei de Tiro e de sua filha vêm na sequência dos actos do malvado rei de Antioquia.” (CARRAJANA, 2005, p. 215)

Nos próximos capítulos, motivado pela necessidade de sobrevivência, Apolônio foge em um navio, passa por Tarso, onde ajudará o rei e a rainha, livrando a cidade da fome. Esta passagem é de grande importância, pois teremos a partir dela, mais adiante, o surgimento de mais um desvio moral, gerador de “monstros”, além de mais uma tentativa de crime. Saindo de Tarso, Apolônio naufraga em uma tempestade e é recebido em Cirene, pela filha do rei. Nada haveria de extraordinário nesse episódio não fosse o fato de Apolônio casar-se com a filha do rei sem amá-la. A relação que se estabelece entre eles lembra muito mais uma relação entre pai e filha. Carrajana diz:

Recordemos que Apolônio nunca chega a mostrar-se verdadeiramente apaixonado pela mulher, aparentando sentir por ela apenas a estima que um mestre nutria pela discípula. Na verdade, a própria princesa assevera que o que a liga a Apolônio é não o amor carnal pelo homem, mas a admiração pela sabedoria do mestre... (CARRAJANA, 2005, p. 210)

No entanto, não podemos dizer que houve em tal episódio a geração de um “monstro”, já que não houve nenhuma transgressão moral aqui. “E transgressões geram monstros” (JEHA, 2007, p. 21). Para ocorrer uma transgressão, seria necessária uma afinidade sanguínea entre eles.

Somente no capítulo 22 Apolônio fica sabendo da morte de seu perseguidor Antíoco. Tendo encerrado aí “o risco de ser devorado pelo monstro”, Apolônio resolve voltar para sua terra com sua esposa grávida. Seria este o encerramento da história, não houvesse aqui mais um fato a impedir a volta do mesmo. Com a morte de sua esposa durante o parto, - morte essa que transgride os parâmetros da ciência, já que ela ressuscita depois de ser lançada ao mar – ele resolve deixar sua filha Társia em Tarso para ser criada por seus amigos, o rei Estranguilo e a rainha Dionísia, e torna-se mercador, viajando por quatorze anos. Estamos, aqui, no capítulo 28 desse romance. Este acontecimento trará um novo impulso à história. Társia será criada com todo carinho pelos reis. É tratada como filha até a idade de quatorze anos, apesar de não haver nenhum laço consanguíneo entre eles. Só que a beleza de Társia, que chama mais atenção que a da filha dos reis, desperta o “monstro” do ciúme em Dionísia que, não suportando tal situação, ordena a um servo que mate Társia. Temos nesta passagem mais uma monstruosidade e mais um crime, mesmo que este não aconteça como planejado. Apesar de não haver consanguinidade entre a malvada rainha e a filha de Apolônio, este crime não será menos monstruoso, já que a relação estabelecida entre elas era de mãe e filha. Este recurso aparece inúmeras vezes na literatura. Édipo já havia matado seu pai, mesmo não o sabendo. Orestes matara Clitemnestra para vingar a morte de seu pai. Medeia matara seus filhos para vingar-se de Jasão. Podemos ver quão recorrente são esses atos, mas não nos podemos esquecer, também, que eles geram graves consequências para seus autores. Por quê? Talvez seja essa a maior transgressão moral (monstruosidade) nas organizações sociais. Antes, porém, que o servo consiga matar Társia, essa é raptada por piratas e vendida a um bordel em Mitilene. Temos, aqui, um novo impulso para a narrativa, ela ganha novo fôlego. Quando Apolônio reaparece para buscar sua filha, Dionísia e seu cúmplice Estranguilo inventam uma história que justifique a morte de Társia. Não há nenhuma piedade da parte dos reis para com o amigo Apolônio. Os dois não mais levam em conta o grande auxílio dado por Apolônio ao povo de Tarso durante a grande fome. O

“monstro” do ciúme que domina Dionísia a desvia da conduta adequada a adotar para com um amigo. Impulsionado pela dor, Apolônio decide retornar à sua terra natal. Essa monstruosidade de Dionísia impulsionará a narrativa do capítulo 33 ao capítulo 48, quando Apolônio, arrastado por uma tempestade, chegará a Mitilene, onde, coincidentemente, encontrará Antenágoras, um rico cidadão local que conhece Társia, e promoverá o reencontro dos dois. Nesta passagem, há um outro acontecimento que lembra muito o casamento de Apolônio. Antenágoras propusera casamento a Társia, que recusara por não amá-lo. Para Társia, ele se aproximava muito mais da figura de um pai, um protetor. Inclusive, ele aceitara o pedido dela em manter-se virgem após o leilão no qual fora oferecida. Após a cena do reconhecimento entre Apolônio e a filha, ela é oferecida como esposa a Antenágoras. Não podemos falar aqui de monstruosidade concreta, uma vez que não há consanguinidade entre eles, mas é uma relação que foge dos padrões “comuns”.

Encerrado esse episódio, Apolônio decide voltar para sua terra natal com a filha e o genro. Parece que, nesse instante, caminhamos para o encerramento da história, uma vez que as ações motivadas pelo último crime e pela última monstruosidade estavam finalizadas. Ao partir, nosso protagonista é convencido, por um sonho que tem, a seguir para o templo de Diana a fim de contar todas as desventuras que ele e sua família sofreram desde Antioquia.

Temos nessa passagem um último traço de monstruosidade que servirá como o impulso final para a narrativa. A sacerdotisa que os recebe no templo de Diana é a própria esposa de Apolônio, que fora ressuscitada por volta do capítulo 28. Jeha afirma:

Aristóteles nota que deficiência ou excesso caracterizam um prodígio ou monstruosidade. Uma galinha de duas cabeças ou um cachorro de três pernas são ocorrências raras, isto é, monstruosas. Se a ocorrência se torna comum, o fenômeno perde seu aspecto prodigioso e é aceito como natural, ou seja, pertencem à ordem das coisas que conhecemos. De maneira semelhante, em nossa percepção, quando um fenômeno tende a se repetir, ele se torna “natural”, desde novidades na moda até coelhos geneticamente modificados, desde perseguições políticas até extermínio em massa. (JEHA, 2007, p. 22)

Não é corriqueira a ressurreição e, por isso, denominamo-la monstruosidade. Ela não faz parte das coisas como as conhecemos. A partir desse reencontro, todos voltam para a terra natal, Apolônio e sua esposa têm um filho que será herdeiro do reino da Antioquia, Pentápolis e Tiro. Os monstros de nossa narrativa não transgridem os padrões estéticos, mas isso não os torna menos aterrorizantes. São eles que funcionarão, neste romance, como elementos encadeadores e propulsores da narrativa. Por que nos sentimos tão atraídos pelos monstros? Encerramos este ensaio citando mais uma vez Jeha: “De um modo ou de outro, os monstros dão um rosto (ou não) ao nosso medo do desconhecido, que tendemos associar ao mal a ser praticado contra nós” (JEHA, 2007, p. 8).

Referências

BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro. *Os monstros e a criação*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2008.

CARRAJANA, Paula Mota. Da Historia Apollonii Regis Tyri à Confessio Amantis: leituras de uma narrativa singular. In: OLIVEIRA, F; FEDELI, P.; LEÃO, D. (Org.) *O romance antigo: origens de um gênero literário*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, 2005. p. 201-218.

JEHA, Júlio. *Monstros como metáforas do mal*. IN: *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

KONSTAN, D. *Sexual Symmetry: Love in the ancient novel and related genres*. New Jersey, 1998.

KORTEKAAS, G. A. A. (ed.) *Historia Apollonii Regis Tyri*. Prolegomena, Text Edition of the two Principal Latin Recensions, Bibliografy, Indices and Appendices, *Medievalia Groningana* 3. Groningen, Bouma's Boekhuis, 1984.